

IMAGENS DE UBERLÂNDIA: PATRIMÔNIO CULTURAL

Caroline Campos Rizzotto

Graduanda em História na Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular Imagem e Som – POPULIS.

RESUMO: Procuramos desvelar com esse trabalho o possível diálogo entre a História e a memória fotográfica da cidade de Uberlândia. A possibilidade de trabalharmos com fotografias antigas da cidade, a fim de enriquecer o estudo da história local, para além da sua dimensão plástica nos permite relacionar fatos, levantar hipóteses sobre as memórias, os valores e os costumes transformados. Imagens salvaguardadas nos acervos públicos nos mostraram importantes fontes para elucidar a História de Uberlândia. Os documentos visuais constituem em artifício pedagógico para tornar o estudo histórico mais próximo do aluno. Uma possibilidade aos historidores/professores que enfrentam obstáculos no cotidiano trabalho com a História Local.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. História. Ensino.

RÉSUMÉ: Nous cherchons montrer avec ce travail le possible dialogue entre l’Histoire et la mémoire photographique de la ville d’Uberlândia. La possibilité de travailler avec des photographies anciennes de la ville, pour enrichir l’étude de l’histoire locale, outre sa dimension plastique ces images nous permettent de rapporter fait, soulever des hypothèses sur les mémoires, les valeurs et les habitudes transformées. Des images sauvegardées dans le fichier publiques nous ont montré d’importantes sources pour élucider l’Histoire d’Uberlândia. Les documents visuels constituent un stratagème pédagogique pour rendre l’étude historique plus proche de l’élève.

MOT CLÉ: Photographie. Histoire. Enseignement.

Percebendo os desafios de se trabalhar com a História Local em sala de aula, para que seja uma temática abrangente, uma história plural, e que desperte nos alunos a importância da compreensão histórica de sua cidade, é que trazemos o diálogo com documentos visuais, os quais são fontes de informações e nos permitem imaginar, estabelecer relações e auxiliando-nos na reconstituição de uma época.

As transformações ocorridas no mundo pós-moderno modificam constantemente o cenário cultural, interferindo nos elementos que compõem nossa memória, seja na arquitetura, que vai se modernizando ou em nossas próprias tradições, que vão sendo esquecidas ou ressignificadas, tornando o processo de identificação dos indivíduos cada vez mais provisório e sem significado, pois vivemos numa sociedade que se define pela expansão das relações virtuais, e que vai facilmente substituindo as relações sociais e culturais em favor dos novos padrões da modernidade. Contra isso, existe a necessidade de valorizar a história das sociedades, seus elementos culturais e os elos de pertencimento com o passado para que não se perca a identidade cultural.

A preservação do nosso patrimônio histórico cultural é uma possibilidade de as pessoas compartilharem uma história em comum, trabalharem com bens culturais locais, sejam eles materiais ou imateriais, e que contribuem para a formação dos indivíduos reavivando as memórias coletivas, assim como para o processo de identificação da comunidade. Isso permite que se conheça os quadros de referência do passado, percebendo as semelhanças e diferenças na paisagem cultural constantemente transformada.

Nesse sentido, o patrimônio histórico cultural deve ser compreendido de forma mais ampla, evocando as multiplicidades da cultura, de um passado vívido e de acontecimentos ou elementos que mereçam ser preservados, porque são coletivamente significativos, ou seja, não se sacralizando heróis e os “grandes” feitos históricos. Não podemos trabalhar o

patrimônio como sendo estático, que nos apresente uma imagem congelada do passado. Portanto, temos a tarefa de fazer com que essa memória revalorize a cidadania, construindo uma visão do passado que tenha significado coletivo, resgatando a memória dos que nunca tiveram o poder, dando visibilidade a suas ações e projetos, além de fazer com que essas experiências silenciadas alcancem sua dimensão histórica.

A reflexão sobre como trabalhar os elementos culturais da nossa sociedade uberlandense e a valorização de nosso patrimônio cultural passa necessariamente pelo estudo da História Local. Observamos que a idéia defendida no âmbito educacional, em relação aos objetivos da História, no currículo do Ensino Fundamental, aponta para seu caráter de formadora de cidadania, ressaltando o seu papel de proporcionar ferramentas para a compreensão e intervenção crítica na realidade. Diante disso, cabe também à história ensinar aos alunos a situar-se em seu tempo e a compreenderem as ações instituídas historicamente, para criar nesses alunos futuramente, maturidade para avaliar sua sociedade, afim de se posicionarem e intervirem na realidade social.

Esta proposta contida nas diretrizes para o ensino de história, constitui-se, porém, em um desafio como: elaborar procedimentos didáticos e pedagógicos que remetam à importância da compreensão da história de sua cidade, formando cidadãos críticos capazes de interferir em sua realidade social. Possamai (2000, p. 105) nos chama a atenção:

Sem dúvida, maior será o prazer de aprendizagem quando a realidade do educando puder ser objeto de conhecimento. Nesse sentido, é fundamental a atenção para as memórias coletivas, a partir das quais o aluno pode-se ver como sujeito e objeto de conhecimento.

O professor é, então, um agente importante neste processo, pois compete a ele a tarefa de trabalhar com os alunos as temáticas

relativas à História Local. Entretanto, é fundamental trabalhar com esta História (a História Local) de forma que não seja uma história “morta”, nem uma narrativa feita pelos pioneiros da cidade, que transmita um conhecimento acrítico, sem análise, e que apague os elementos culturais de diversos grupos em favor de se construir uma imagem da cidade, elaborada para atender interesses de grupos dominantes.

A história de Uberlândia foi tradicionalmente construída pelo discurso dos grupos dominantes, elites e poder político que, historicamente, forjaram a imagem da cidade a partir dos pressupostos do progresso, de ordem e trabalho, silenciando diversas memórias. Estes discursos dominantes procuraram impor uma versão da história da cidade que elidia as outras experiências vividas pela maioria da população. O crescimento econômico foi utilizado para criar a idéia de que era gerado também o desenvolvimento social. A imagem ufanista da cidade, apresentada como parte do Brasil que deu certo, foi utilizada pelos meios de comunicação para difundir Uberlândia como uma cidade ordeira e sem conflitos, enfatizando visões preconceituosas acerca das classes populares.

Esse discurso de cidade maravilhosa apresenta-se nos documentos que contam a história da cidade, sejam jornais, livros e fotografias antigas. Mas, por outro lado, é nas fotografias que acreditamos encontrar uma possibilidade para superação de nosso desafio, pois além de um artifício pedagógico mais interessante ao aluno, a partir delas podemos problematizar elementos culturais dos diversos grupos sociais que compõem a cidade, chamando a atenção inclusive para os fatos e acontecimentos ausentes nestas imagens. Outro fator que nos leva a acreditar na viabilidade da utilização de fotografias no ensino de História é a facilidade de acesso às imagens, sejam nos arquivos públicos (Arquivo Público Municipal de Uberlândia – APMU e Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS), ou mesmo nos arquivos pessoais das famílias dos próprios alunos.

As fotografias, que constituem os acervos públicos ou particulares de Uberlândia, fazem parte de nosso patrimônio e são recursos muito importantes para a reconstituição de uma época. Nos últimos anos, historiadores têm invocado evidências visuais, numa tentativa de tornar mais compreensível o particular, transmitir uma noção do local mais imediata (SAMUEL, 1990, p. 224).

Fotografias são fontes de conhecimentos e informações, pois registram o cotidiano, assim como podemos buscar em depoimentos orais, nos jornais, nas revistas, na música e no cinema, formas de expressarmos nossa vivência, que muitas vezes foram desprezadas em favor de uma “documentação oficial”, metodologicamente mais tradicional. Utilizarmos destas diversas fontes é determinante e fundamental para interpretação, análise e compreensão de momentos históricos. Porém, o uso das imagens pelos historiadores não pode ser limitado à “evidência” no sentido estrito do termo.

A fotografia é um referente do real, mas não a realidade recriada, cada registro fotográfico é uma situação a ser contextualizada. Como representação de um instante, apresenta indícios ou evidências de uma determinada época e por isso mesmo nos possibilita o “resgate da memória visual do homem e seu entorno sócio-cultural” (KOSSOY, 1989, p. 36).

É necessário ter claro todos os elementos formadores de uma fotografia, desde sua intencionalidade até a pessoa que opera a câmera, o tipo do material utilizado, sua identificação, sua finalidade e guarda. Assim, a fotografia não é a reprodução do real, mas uma possibilidade de construção da realidade, efetivada quando investigamos a natureza e o significado das imagens fotográficas e os fatores sociais em que foi realizada. Ela é resultado de uma construção social, em que diversos elementos interagem; o fotógrafo, o que ou quem vai ser fotografado,

influenciados pela mentalidade e valores de uma época, sejam estéticos ou culturais. Sobre isso destaca Ribeiro:

Por isso, para nós pesquisadores, um retrato ganha estatus de fonte, oferecendo-nos a possibilidade de nos aproximarmos da mentalidade e do comportamento de determinada época, seja na observação do vestuário, dos penteados, enfim, das poses; seja nos elementos constitutivos do fazer fotográfico, como a tecnologia utilizada; seja pela simbologia nele inscrita. (RIBEIRO, 2006, p. 2).

As imagens nos permitem imaginar, relacionar fatos e conceitos, levantar hipóteses sobre as memórias, a paisagem urbana, os valores e os costumes transformados. Os historiadores podem utilizar indícios do visual para mostrar através desta documentação como se caracterizavam determinados espaços e relações de sociabilidade, cultura e política, bem como as novas interações do povo com determinados espaços físicos das cidades que hoje não existem mais ou foram ressignificados. Para Burke, as imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras. As próprias distorções encontradas em antigas representações são evidências de pontos de vista passados ou “olhares” (BURKE, 2004, p. 38).

Ou seja, para além da sua dimensão plástica, a imagem fotográfica nos põe em contato com os sistemas de significação das sociedades e seus imaginários. Hoje, ela deixa de ser vista como espelho e duplicação do real, como queriam historiadores da historiografia metódica, e apresenta-se como uma linguagem que não é nem verdadeira nem falsa. A fotografia passa a ser encarada como uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem produz. Portanto, além do método de contextualização da imagem, o cruzamento do documento visual com os documentos textuais e orais torna-se imprescindível para se responder questões históricas.

Afim de contribuir com esse trabalho, selecionamos

imagens que, em sua maioria, fazem parte do Acervo Fotográfico João Quituba, comprado pela Universidade Federal de Uberlândia no ano de 1980, e organizado e salvaguardado pelo CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História), além de outras que fazem parte do acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, os quais se encontram à disposição da comunidade.

João Martins de Oliveira, ou “João Quituba”, auto denominava-se historiador e fundador do Museu de São Pedro de Uberabinha. Durante sua vida, selecionou e guardou os mais variados tipos de documentos, cartazes, matérias de campanhas eleitorais, recortes de jornais, fotografias e outros, com o objetivo de expor esse material em lugares públicos.

Esse acervo fotográfico que hoje pertence ao CDHIS possui 2600 fotos, em bom estado de conservação, a maioria delas em preto e branco e de tamanhos variados. Essas imagens retratam a cidade desde fins do século XIX até início da década de 1980. O seu conjunto traduz a memória daquilo que foi preservado pelos grupos dominantes. As imagens estampadas nestas fotos nos oferecem a idéia de uma cidade ordeira, pacata, que vai de encontro ao discurso de cidade do progresso. Porém, junto dessa memória fotográfica, podemos apreender o contra-discurso, uma cidade como outra qualquer, capitalista, onde a miséria, o desemprego, os conflitos sociais estão presentes e são passíveis de serem detectados. Segundo Dantas (2004, p. 194-195)

A imagem de uma cidade harmônica em que tudo concorre com seu desenvolvimento acoberta a multiplicidade. A cidade não única, ela é múltipla. No interior da cidade, há várias cidades (concretas ou apenas idealizadas). E pensá-la em sua multiplicidade não é uma tarefa fácil. [...] As intervenções urbanas são resultados das práticas sociais da vida cotidiana, conferindo-lhes sentido, dando materialidade ao simbólico, ao imaginário. Nesse sentido, compreender o imaginário implica compreender as imagens passadas, que fazem a cidade ser o que é, e, ao mesmo tempo, o que deseja ser.

Nas entrelinhas das imagens, podemos resgatar a história da classe que foi silenciada, a classe trabalhadora, apesar de o acervo não ter esse propósito. Algumas fotos que revelam claramente esta memória da cidade são as fotografias da greve dos motoristas, em 1948. São tipos de fotos pouco encontradas nos acervos.

De acordo com a pesquisa do memorialista Antonio Pereira (2002, p. 110),



[...] em Uberlândia formou-se uma entidade que congregava e defendia os motoristas, em 1924, chamava-se Sociedade União dos Chauffeurs de Uberabinha, sucedida depois por outras associações. A participação dessas entidades nas reivindicações foi imprescindível. Em 1947, os motoristas desceram para a ponte do Vau (a primeira porteira de cobrança dos pedágios) e bloquearam o tráfego. Em 1948, houve uma nova greve. Os motoristas queriam efetivamente a desativação do pedágio. Bloquearam o tráfego de cerca de 400 caminhões. O movimento teve apoio de alguns partidos políticos, instituições de classes e várias cidades da região.



Greve dos motoristas de 1948. Acervo João Quituba – CDHIS.

Nas fotos podemos perceber a organização desses trabalhadores, para protestarem contra a cobrança de impostos para o tráfego dos caminhões. Observamos na fotografia, ainda, a grande quantidade de participantes atentos a suas reivindicações. Os caminhões parados, e a fila formada por eles, conseguindo bloquear a estrada, nos dão a dimensão da mobilização do movimento grevista. O lema grevista – “Motoristas, Mantei-vos Unidos e Organizados” – inscrito na

foto, que possivelmente incentivava esses homens a lutar e a continuar unidos para manter a sua força e organização, nos remete aos lemas dos movimentos sociais de esquerda que ocorriam por todo o Brasil durante este período.

Não apenas a existência de imagens nos conta sobre determinado contexto histórico, mas também as suas ausências; um fato histórico de relevância na década de 50, em Uberlândia, foi o quebra-quebra de 1959, mas no acervo não constam

fotografias, como se este acontecimento ferisse a imagem que deveria ser preservada a respeito da cidade. De acordo com Oliveira, o quebra-quebra foi um fenômeno de protesto que teve como estopim o aumento do preço dos cinemas (de dezoito passou a trinta cruzeiros), reflexo de uma crise política no país, que acarretou aumento do custo de vida para a população. Neste mesmo ano já haviam ocorrido quebra-quebras em algumas capitais. O protesto começou na fila dos cinemas de forma espontânea, não foi organizado por partidos ou grupos de esquerda. O povo se aglomerou e saiu protestando e destruindo. Manifestação que causou muita tensão, pois mostrou o oposto da imagem burguesa da cidade, a resistência popular através de protestos (OLIVEIRA, 1983, p. 81-82).

Por outro lado, podemos trabalhar com as imagens dos cine-teatros e do patrimônio edificado da cidade, que tem sua importância para a comunidade, pois foi cenário de muitas histórias glamourosas e conflitos sociais. Recentemente, em 2003, um dos últimos prédios antigos em processo de tombamento, o Cine Regente, foi vítima de um crime contra a história, sendo demolido sem levar em conta o prejuízo para o patrimônio histórico da comunidade.

O cinema, que teve seu auge nas décadas de 40 e 50, era um dos maiores espaços de entretenimento para as pessoas da cidade, atraindo aqueles que queriam aparecer nesse espaço ou mesmo participar desta opção de lazer, vestindo-se com suas melhores roupas e se preparando com entusiasmo. Entretanto, através de depoimentos de moradores antigos da cidade, podemos perceber que não era de forma igual que negros, pobres e ricos participavam deste universo. Prédios como o Cine-Theatro Avenida tinham uma arquitetura luxuosa e se destacavam nas avenidas de Uberlândia.



Interior do Cine-Theatro Uberlândia – s/d. CDHIS.

Importante lembrar do vai e vem, o *footing* como era conhecido, e que habitualmente acontecia na avenida Afonso Pena em frente ao Cine-Theatro Avenida na *matinée* de domingo em fins da década de 20. Após a sessão da *matinée* de domingo, havia um verdadeiro vai e vem de pessoas – moças e rapazes – com suas melhores roupas e cheios de sorrisos, passando na avenida Afonso Pena em frente ao cinema.

As salas de cinema eram talvez o maior entretenimento da época. Ir ao cinema era estar por alguns momentos num outro “universo”, cheio de fascínios. Não só pelos enredos dos filmes. Também a movimentação, o encantamento causado pelas salas luxuosas, a possibilidade da paquera e de ver e ser visto eram atrativos para os que buscavam diversão. Esse vai e vem, hábito que os mais velhos dizem que era quase obrigatório, muito desejado, não era tão harmonioso assim. Havia nesta sociabilidade grande preconceito, uma certa divisão em que negros e brancos tinham cada um seu espaço separado, os negros passavam pelo outro lado da avenida. Fatos de nossa história que os jornais omitiram, mas bem claras na memória das pessoas que viveram aqueles momentos. Havia a separação entre as pessoas inclusive

dentro dos cinemas – de um lado ficavam os ricos, e de outro pobres e negros –, hábito que permaneceu até a década de 50. Isso também contradiz o mito da cidade “ordeira e pacata” que a imprensa local sempre quis manter, e não condizente com a memória que alguns têm da época (PINTO, 1997)

No acervo João Quituba, existem fotos do carnaval de rua, revelando outro elemento importante de nossa história: a inserção dos negros na festa carnavalesca, que até meados de 1920 tinham participação limitada nos espaços destinados à comemoração desta festividade. A partir deste momento passam a ter um espaço e visibilidade, desfilam por uma das avenidas mais importantes da cidade, fato que pode ser observado em registros fotográficos.

Para Pereira (2003, p. 12),

Com o calçamento da avenida Afonso Pena por volta de 1920 o carnaval tomou mais visibilidade, se transformando num evento regular da cidade. Na avenida reunia-se a elite uberlandense nos carros pintados. Os pobres e os negros não participavam juntos, ficavam apenas de longe. Nessa época o carnaval era a cara da elite da cidade. Até que no fim da década de 20 o povo tomou seu lugar nessa festa, e começou a participar efetivamente do carnaval. O clube de negros “Flor de maio” surpreendeu a todos ao alugar um automóvel e entrar na avenida – lugar exclusivo de brancos ricos até então. As músicas não tinham nada de carnavalesco. Eram músicas comuns, qualquer uma, desde que fossem mais “animadinhas”. A música “O Gondoleiro do Amor” de Castro Alves e Fábregas era uma das tocadas na época. Foi nessa época também que chegavam as primeiras vitrolas e discos, trazendo as músicas carnavalescas dos grandes centros.

As fotos da participação popular no carnaval são uma importante contextualização a ser explorada na história local: quem são os participantes da festa, que festa é essa, de que forma aconteceu e acontece atualmente na cidade. Estes são elementos

que podem ser resgatados para que possamos compreender melhor a história da cidade de Uberlândia.

Outro registro fotográfico nos revela a Estação Ferroviária da Cia. Mogiana, que trouxe para a cidade novas facilidades de acesso a locais distantes, encurtando as distâncias. A implantação da Mogiana foi uma das medidas para trazer o desenvolvimento e o progresso. Essa estação ferroviária, que outrora representava o progresso da cidade, anos mais tarde passou a representar um empecilho à continuidade deste desenvolvimento. Um fato revelador desta contradição é o movimento da população para a retirada dos trilhos que passavam dentro da cidade, no bairro Bom Jesus, segundo relata Silva Junior (1990, p. 27),

Após anos de convivência indesejada com os trilhos os moradores começam a discutir uma possível retirada. Entre os anos de 1982 a 1986, o que era apenas rejeição transforma-se em mobilização. A discussão em relação aos vagões e trilhos, agora tem outros sujeitos. No final dos anos 60 era a elite que não queria os trilhos atrapalhando os seus caminhos, no início dos anos 80 é a população de um bairro da cidade que resistia na convivência com eles.



Antiga Estação Mogiana – Acervo do Arquivo Público Municipal.

Seguindo a gama de possibilidades de explorarmos imagens da nossa cidade, podemos perceber o movimento do povo com a cidade, em que estão presentes anseios da população e anseios do poder político, transformações tecnológicas e transformações urbanas no espaço social, assim como foi a transição entre o “auge” da implementação da ferrovia na cidade evocando o progresso e novas possibilidades de transporte e seu “declínio”, quando se tornou um entrave no espaço urbano que era remodelado.

Um outro tema a ser explorado, e bem recorrente nos acervos, são as imagens da cidade, como da Praça da República, atualmente Praça Tubal Vilela. Nelas, além das modificações físicas trazidas pela modernidade, podemos perceber o fim de algumas relações e sociabilidades que aconteciam naquele espaço.



Antiga Praça dos Bambus, Benedito Valadares e Praça da República, hoje Praça Tubal Vilela, década de 1938. Acervo João Quituba – CDHIS.

Pela imagem da praça que aqui temos, é possível ver o contraste imponente do grande espaço que ela ocupa em relação

a seus arredores, abrigando a igreja matriz com sua torre altivez, parecendo dar à praça um significado maior. A foto que data de 1938, mostra os grandes jardins e muito espaço livre da antiga Praça da República que, hoje transformada, tem sua extensão física tomada por vendedores, ambulantes, construções e a correria das pessoas que por ali passam para ir trabalhar.

Originalmente o espaço da Praça Tubal Vilela foi um campo de futebol. Em meados de 1920 a prefeitura fez remodelações paisagísticas nesse espaço para a futura praça, que ficou conhecida como Praça dos Bambus, fazendo jus a seu espaço verde e a plantação de bambuzal existente ali. Ganhou o nome de Praça Benedito Valadares de 1938 a 1941, quando recebeu a fonte luminosa. Após mais uma reforma passa a ser denominada Praça da República. E vem a ser a atual Tubal Vilela a partir de 1959, em homenagem a um ex-prefeito da cidade.

Após as transformações físicas por que a praça sofreu, o traçado do espaço continuou o mesmo, porém é um lugar completamente ressignificado. Para os antigos moradores de quando o centro da cidade ainda nem era tão movimentado, lembrar da praça significa lembrar de práticas que não existem mais. Um antigo espaço de diversão, de encontros, onde muitas pessoas iam se sentar, sentir o aroma das balas da fábrica de balas que ficava próxima à praça, reunir-se para escutar, através do autofalantes, a transmissão dos resultados dos jogos pela Rádio Difusora. Como apresenta D’ângelo, em 1939, a PRC6, Rádio Difusora Brasileira nascia e passaria a dividir os mesmo transmissores que até então recebiam apenas a programação das grandes estações do Rio de Janeiro e São Paulo. A rádio “rouba a cena” tornando-se um poderoso atrativo para afluência das pessoas à praça pública. A rádio local é mais um elemento possível a ser trabalhado por se ela uma possibilidade de expressão de sentimentos e vontades, pretendendo visibilidade das pessoas, fugindo do anonimato, assumindo como sua uma cidade que apenas lhes era oferecida em discursos de identidade pelo

trabalho, progresso e moralização. (D'ÂNGELO, 2001, p.206). Além disso, multidões aglomeraram-se ali nas décadas de 1940 e 1950 para assistir os shows transmitidos pela estação, no palco improvisado das marquises do prédio da Difusora.

Enfim, é sabendo dos obstáculos que os professores de História enfrentam na prática pedagógica, que procuramos aqui desvelar a possibilidade de se explorar os documentos visuais no estudo da história local, tornando visível a importância do

diálogo com a memória fotográfica. Com isso, foi possível detectar e compreender um pouco mais sobre a história da cidade, para que se possa transmitir aos nossos alunos não apenas o que lemos e ouvimos de uma história oficial, mas fazer com que eles sintam-se sujeitos da sua própria história. Portanto, é tarefa do professor/historiador dialogar com diversas fontes, a fim de revelar elementos de uma história plural, permeada por lutas, disputas e afirmação de identidades culturais.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Petter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.
- DÂNGELO, Newton. **Vozes na cidade: progresso consumo e lazer ao som do Rádio - Uberlândia, 1939/1970**. São Paulo: PUC, 2001.
- DANTAS, Sandra Mara. Entre o real e o ideal: a cidade que se tem e a cidade que se quer – Uberlândia (1900-1950). **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 25, p. 193-214, jul./dez. 2001, n. 26, p. 194-195, jan./jul. 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.
- OLIVEIRA, Selmane Felipe de. O Quebra-Quebra de 1959. **Cadernos de História**. Uberlândia, v. 4, p. 81-87, jan. 1993.
- PINTO, Luziano Macedo. **Sociabilidade de ‘matinée’**: cinema em tempos de modernidade. Uberlândia (1937-1952). Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 1997.
- POSSAMAI, Zita Rosane. Museu e arquivo: laboratórios de aprendizagem e descobertas. In: **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc – Anpuh/RS, 2000.
- RIBEIRO, Rúbia Soraya Lelis. O Retrato Fotográfico. André Bello: retratos da modernidade em São João Del Rei. **Anais Eletrônico do XV Encontro Regional de História – Anpuh**. São João Del Rei, 2006.
- SILVA JÚNIOR, Renato Jales. **Cidade, Cultura e Movimentos Sociais**: mobilização dos moradores do Bairro Bom Jesus em Uberlândia (1980-1990). 2003. 152f. Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.
- SILVA, Antonio Pereira da. **As Histórias de Uberlândia**. Vol. II. Uberlândia: 2002.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 89/ fev. 90.